

PEIRCE, C.S. *Introdução à divisão 3-tricotômica de signos*

JOÃO QUEIROZ
(FEEC/UNICAMP)

RESUMO *C.S. Peirce desenvolveu, por mais de 40 anos, entre 1865 e 1911, baseado em uma teoria lógica-fenomenológica de categorias, diversas “classificações de signos”. Estas classificações tem atraído e desafiado, por décadas, gerações de pesquisadores e muitas comunidades de linguistas e semioticistas. O propósito deste artigo é apresentar, introdutoriamente, uma de suas mais elaboradas classificações – as dez classes de signos.*

ABSTRACT *C.S. Peirce developed, for more than 40 years, between 1865 and 1911, based on a logical-phenomenological theory of categories, several “classifications of signs”. These classifications has challenged, for decades, generations of researchers, and many scientific communities of linguistics and semioticists. The aim of this paper is to present one of Peirce’s most intricate classification of signs – the ten classes of signs.*

1. INTRODUÇÃO

A intrincada teoria do signo de C.S. Peirce¹ tem atraído e desafiado, por décadas, gerações de pesquisadores e muitas comunidades de linguistas e semioticistas. Isto provém do fato de Peirce ter construído uma “filosofia arquetônica” cujos domínios estão densamente interconectados. A organização do que é considerado seu “sistema de pensamento” (ver Parker 1998, Potter 1997) baseia-se em relações hierárquicas de dependência (Kent 1987). O “mapa” de relações resultantes — Matemática, Filosofia (Fenomenologia, Ciências Normativas [Estética, Ética, Lógica], Metafísica), Ciências Especiais — tem sido considerado o melhor roteiro para introduzir sua filosofia, “para tornar acessível os elementos chaves [de seu pensamento], e para colocá-los em relação, uns com os outros” (De Waal 2001: 5).

O fato é que Peirce fez contribuições originais em diversas áreas, teóricas, formais e experimentais, e uma introdução à sua filosofia deve levar em consideração estas contribuições e o modo como elas atuam na organização de seu sistema. Uma apresentação, portanto, de um domínio, isolado, de sua obra, corre o risco de fazê-la parecer ainda mais

¹ A obra de Peirce será citada através da seguinte convenção: CP identifica os *Collected Papers*; os números identificam o volume seguido dos parágrafos. O mesmo vale para os EP (*Essential Peirce*), para os NEM (*The New Elements of Mathematics*), LW e SS (cartas para Lady Welby), MS e L (manuscritos editados por R. Robin), W (*Writings of C.S. Peirce: a Chronological Edition*), N (*C.S. Peirce: Contributions to the Nation*).

complicada do que é. Este é, entretanto, um risco que vou correr aqui ao apresentar uma “seção” de sua teoria do signo – as dez classes de signos.

Peirce é considerado o fundador da moderna teoria do signo, ou semiótica (Weiss & Burks 1945:386), que ele também chamou de “teoria formal do signo” (NEM 4:20), e “teoria pura dos signos” (MSL 107). A semiótica foi definida por Peirce (CP 5.484) como “a doutrina da natureza essencial e fundamental de todas as variedades de possíveis semioses”, isto é, de qualquer forma *concebível* da ação do signo, de suas condições de possibilidade e de suas *possíveis* variações, que ele sistematizou em classes e classificações de signos.

2. SEMIOSE E CLASSIFICAÇÃO DOS SIGNOS

Qual “a natureza essencial e variedade fundamental de todas as possíveis semioses” (CP 5.488)? Para responder essa pergunta, Peirce desenvolveu uma teoria lógica-fenomenológica de categorias. Muito sumariamente, as categorias demarcam as condições do que é inteligível e funcionam como uma lista exaustiva de concepções, ou questões, fundamentais, impostas *a priori* à cognição. De acordo com Hookway (1985: 80), “uma teoria das categorias é uma série de concepções altamente abstrata e que funciona como um sistema completo de *summa genera*, qualquer objeto do pensamento ou da experiência devendo pertencer a uma das categorias deste sistema.” Ao longo dos anos, as categorias recebem muitas denominações, resultado de experimentos em muitas áreas, e suas correspondências são analisadas em diversos domínios. No artigo “Sobre uma nova lista de categorias” (W 2: 54) elas são denominadas: qualidade, relação, e representação. Posteriormente, diversos conceitos são usados para designá-las: espontaneidade/ dependência/ mediação (CP 3.422), *feeling*/ reação/ hábito (CP 4.157), qualidade/ reação/ mediação (CP 4.3), e os mais recorrentes primeiridade/ secundidade/ terceiridade, que podem ser definidos assim: (1) primeiridade: aquilo que é tal como é, sem referência a qualquer outra coisa; (2) secundidade: aquilo que é tal como é, relativamente a um segundo

³ Sapir 1949, p. 10. Em seguida, o aluno de Sapir, Benjamin Lee Whorf, analisou as metáforas e sua relatividade cultural no contexto do seu conhecido e polêmico estudo sobre os índios Hopi. Whorf revela alguns conceitos metafóricos que se encontram na maioria das línguas do SAE (*Standard Average European*), mas, segundo ele, de modo nenhum esses conceitos são universalmente válidos. Por exemplo, áreas de experiência como *duração*, *intensidade* e *tendência* são estruturadas dentro do SAE, ao contrário da língua dos Hopis. Nesta, essas áreas pertencem a uma classe própria, denominada *tensores*, que descrevem intensidades com ajuda de expressões metafóricas para a extensão espacial e através de conceitos como tamanho, número, posição, forma e movimento: “We express duration by ‘long, short, great, much, quick, slow,’ etc. ; intensity by ‘large, great, much, heavy, light, high, low, sharp, faint,’ etc. ; tendency by more, ‘increase, grow, turn, get, approach, go, come, rise, fall, stop, smooth, even, rapid, slow’ ; and so on through an almost inexhaustible list of metaphors that we hardly recognize as such, since they are virtually the only linguistic media available.” (Cf. Whorf 1973, p. 145)

⁴ Cf. Lakoff/Johnson 1980, p. 59ss.

⁵ Cf. Lakoff/Johnson, p. 5.

⁶ Cf. Lakoff/Johnson, p. 14ss.

elemento, sem qualquer relação com uma terceira entidade; (3) terceiridade: aquilo que é tal como é, de modo a ser capaz de relacionar uma primeira e uma segunda entidades. Primeiridade é a categoria da potencialidade, possibilidade, independência. Secundidade é a categoria da reação, oposição, esforço, resistência, existência. Terceiridade é a categoria da mediação, generalidade, lei, hábito, síntese.

As categorias foram logicamente descritas como um sistema exaustivo de relações, hierarquicamente organizado em classes de relações (3-ádicas, 2-ádicas e 1-ádicas) (Murphey 1993, Brunning 1997, Houser 1997, Queiroz 2004). Esta é a fundação formal de seu modelo de semiose (“ação do signo”) e de suas classificações sgnicas. A *semiose* é definida como uma irreduzível relação triádica (uma relação entre três termos que não pode ser decomposta) entre signo, objeto, e interpretante, que é o efeito produzido em um intérprete (ver Ransdell 1977).²

“Um signo é qualquer coisa que determina que alguma outra coisa (seu interpretante) se refira a um objeto ao qual ele próprio se refere (seu objeto) do mesmo modo, o interpretante tornando-se, por sua vez, um signo, e assim *ad infinitum*” (CP 2.303; ver tb. CP 2.242, 2.274).

Mas este modelo exhibe a “forma de um processo sem especificar a natureza dos participantes do processo” (Colapietro 1989: 6), e sem especificar a natureza das relações entre os participantes do processo (termos da tríade S-O-I). As classificações de signos respondem às questões: (i) quantas “variedades fundamentais” (CP 5.488) desta forma podem ser concebidas? (ii) quais são estas variedades? (iii) como elas estão relacionadas? Relativamente a “mais fundamental divisão de signos”, as categorias (primeiridade, secundidade, terceiridade) aproximadamente correspondem a ícones, índices e símbolos, ou a relações de similaridade, contiguidade e lei entre um signo e o objeto que ele representa. Esta classificação é bem conhecida, e tem sido utilizada por muitas comunidades científicas, em diversas áreas, incluindo antropologia, sociologia, hermenêutica, psicologia cognitiva e comparada, ciências cognitivas, ciências da computação, etologia (ver Nöth 1995). Pressionado por descobertas em diferentes domínios (teoria dos grafos, fenomenologia, pragmatismo), Peirce desenvolve, entre 1865 e 1911, diversas classificações, baseadas em diversas divisões tricotômicas. Tais divisões são a principal inovação de sua teoria do signo, a partir de 1903 — três tricotomias (dez classes) (EP 2:289), seis tricotomias (vinte e oito classes) (EP 2:478-481), dez tricotomias (sessenta e seis classes) (EP 2:483-490; ver Freedman 2004).

Pode-se explicar as classificações como sendo formadas a partir de dois princípios, cuidadosamente formulados por Peirce: (i) uma lista de relações irreduzíveis, que equivalem às categorias, e (ii) uma ordem de divisões tricotômicas, de acordo com as quais a relação S-O-I pode ser analisada. Conforme sugere Houser (1991), as tricotomias funcionam como questões que se pode formular sobre a tríade S-O-I. Para as dez classes, três questões são

² Peirce (ver Queiroz & El-Hani 2004, De Tienne 2003, Hulswitt 2001, Bergman 2000) também define um signo como um meio para a transmissão de uma *forma*, ou para transferência de um *hábito*, incorporado no objeto, para um intérprete, de tal modo a restringir o comportamento deste último.

formuladas: (I) qual a natureza do signo? (ii) qual a natureza da relação signo-objeto? (iii) qual a natureza da relação entre o signo e seu objeto para seu interpretante?

São três as respostas que se pode obter, de acordo com as categorias, para cada questão. Se para a primeira tricotomia obtemos uma resposta monádica (primeiridade), observamos um qualisigno (CP 2.254), que é uma qualidade que é um signo, que funciona como um signo sem qualquer referência a qualquer *outra* coisa. Se a resposta é uma relação diádica (secundidade), observamos um sinsigno (CP 2.245), que é uma ocorrência, um fato, um evento particular, que é um signo. Se é triádica (terceiridade), observamos um legisigno que é um signo que é uma “lei” (CP 2.246). Isto é, com respeito à sua própria constituição, um signo pode ser uma qualidade (qualisigno), um existente (sinsigno), ou uma lei (legisigno). Para Liszka (1996: 35; ver também Hausman 1993: 86), esta divisão descreve o “caráter de apresentação” do signo – “uma certa característica que o signo tem *qua* signo e que forma a base de sua capacidade como signo para representar seu objeto”. De acordo com Peirce,

“Como ele é em si mesmo, um signo é da natureza de uma aparência, quando o chamo de qualisigno; ou, em segundo lugar, é um objeto individual ou evento, quando eu o chamo de sinsigno (a sílaba *sin* sendo a primeira sílaba de *semel*, simul, singular, etc); ou, em terceiro lugar, é da natureza de um tipo geral, quando eu o chamo legisigno” (CP 8.334).

Qualisigno é uma qualidade que é um signo, que funciona como um signo sem qualquer referência a qualquer outra “coisa” (ver Ransdell 1983: 54). Para Savan (1987-88: 20), ele é “um signo que significa através de sua qualidade como tal; a primeiridade da qualidade, à parte qualquer relação empírica ou espaço-temporal da qualidade com qualquer outra coisa”. O sinsigno é uma ocorrência, um fato, um evento particular, que é um signo.

“um Sinsigno (onde a sílaba *sin* é tomada como significando ‘sendo uma única vez’, como em singular, simples, no Latim *semel*) é uma coisa ou evento existente que é um signo” (CP 2.245);

O legisigno é um signo que é uma “lei”. Segundo Ransdell (1983: 54), é um signo “observado apenas com respeito a um particular poder que ele tem para agir semioticamente, isto é, para gerar signos interpretantes”. Na definição de Peirce,

“Um Legisigno é uma lei que é um Signo. Usualmente, esta lei é estabelecida pelos homens. Todo signo convencional é um legisigno (mas a recíproca não é verdadeira). Não é um objeto singular, mas um tipo geral que, tem-se concordado, será significante” (CP 2.246).

A segunda tricotomia (relação S-O), o “caráter representativo” do signo (cf. Liszka 1996: 37), descreve as relações entre S e O. Ícones baseiam-se em relações de similaridade que podem prescindir de qualquer correlação física que S pode ter com O existentes – “um ícone é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de seus próprios caracteres, que ele possui, seu objeto exista ou não” (CP 2.247; 8.335, 5.73). Mas se S é signo de O em virtude de uma relação *diádica*, de causa e efeito, com O, então ele é um índice de O. Neste caso, S é realmente afetado por O, de modo que devem existir, como fatos, S e O:

“um índice é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de ser realmente afetado pelo objeto. [...] Uma vez que ele é afetado por este objeto, ele necessariamente tem qualidades em

comum com ele, e é com respeito a estas qualidades que se refere ao objeto. Ele portanto envolve um tipo de ícone.” (CP 2.248; 2.304).

Se a relação entre S e O é uma relação mediada por I, então ela é uma relação triádica. Se S está em uma relação triádica com O, envolve um terceiro termo, I, que está para O através de S. Neste caso, S é um símbolo de O, e a relação de determinação de S por O, através de I, uma relação de lei (Terceiridade):

“um símbolo é uma lei ou regularidade do futuro indefinido. [...] Mas uma lei necessariamente governa individuais (‘é incorporada em’) e prescreve algumas de suas qualidades. Consequentemente, um constituinte de um símbolo pode ser um índice, e pode ser um ícone” (CP 2.293; 2.299, 2.304, 2.249).

São estes (tabela 2) alguns dos exemplos de ícones, índices e símbolos:

	1867 (W 2:49)	1885 (CP 3.359)
Ícone	Retrato	diagramas geométricos, pinturas
Índice	Assassino	signos naturais, sintomas físicos, “weathercock”, dedo apontado, pronomes relativos e demonstrativos, números em álgebra
Símbolo	“man/homme”, palavra, proposição	Palavras gerais, fala, qualquer modo de julgamento

Tabela 2: Exemplos das classes “ícone, índice, símbolo”.

Em outras palavras, de acordo com a segunda tricotomia, não há mais do que três formas possíveis de relações que podem ser estabelecidas entre um signo (e.g., uma palavra, um diagrama, uma partitura musical) e um objeto que o signo representa — ou um signo é análogo, por similaridade, ao objeto que representa, ou deve estar espaço-temporalmente conectado a este objeto, ou deve representá-lo por meio de uma regra, uma lei, ou um hábito.

A terceira tricotomia, definida por Liszka (1996: 40), como o “poder interpretativo do signo”, descreve a capacidade do signo de gerar um interpretante, de seu objeto, e se divide em rema, dicente e argumento (CP 2.250). O rema é um signo que é interpretado como um signo de “possibilidade” – “um signo de possibilidade qualitativa, ou seja, entendido como representando esta e aquela espécie de objeto possível” (CP 2.250). O dicente é um signo que, para seu interpretante, é um signo de existência real, um evento ou uma ocorrência (CP 2.251). O argumento é um signo que é interpretado como um signo de lei (CP 2.252).

“Um argumento é um signo que, para seu interpretante, é um signo de lei. Ou podemos dizer que um rema é um signo que é entendido representar seu objeto meramente por seus caracteres; que um discisigno [dicente] é um signo que é entendido representar seu objeto com respeito a uma existência real; e que um argumento é entendido representar seu objeto em seu caráter de signo” (CP 2.252).

Estas divisões permitem observar, com um enorme detalhamento analítico, as relações que constituem a tríade S-O-I. Em um manuscrito que acompanha as conferências no *Lowell Institute* (1903), “*Syllabus de alguns tópicos em lógica*”, na seção “Nomenclatura e divisões das relações triádicas” (MS 540), estas três divisões aparecem pela primeira vez.³ A partir destas divisões Peirce concebe uma classificação em que as classes resultam do cruzamento das divisões tricotômicas, e suas especificações. As classificações tornam-se “sistemas de relações cruzadas” (Freadman 1996: 150, 2001b). Os resultados das divisões tricotômicas podem ser combinados, de um certo modo, seguindo certas regras, criando um sistema de relações cruzadas (Figura 1). As relações (monádica, diádica, triádica), e a lei que permite interconectá-las, provêm a estrutura das classes e das classificações sígnicas, e no caso particular que mais me interessa aqui, das dez classes signos.

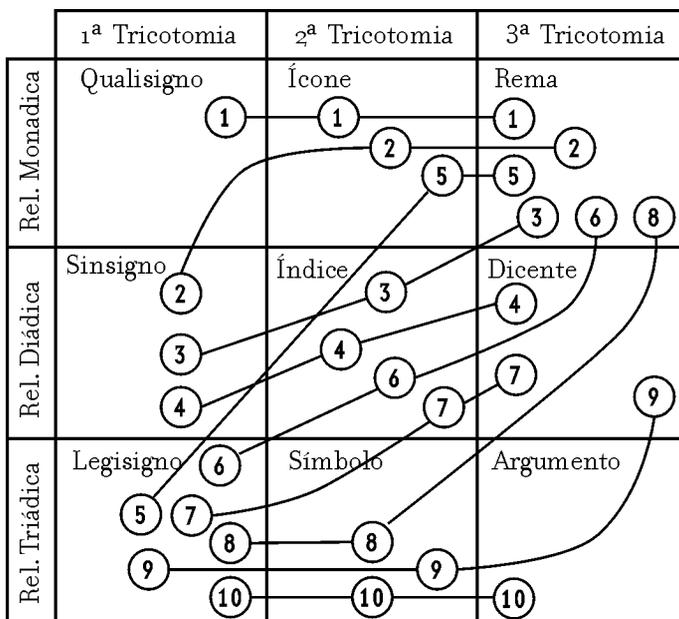


Figura 1. Os cruzamentos correspondem às relações possíveis entre as tricotomias. Os números se referem às 10 classes (figura baseada em Merrell 1996: 8). Esta notação é encontrada em Peirce (MS 799: 4).

Segundo Savan (1987-88: 14), as combinações (cruzamentos) são permitidas pelo que ele chama de “regra de qualificação”. Esta regra é a expressão de uma lei – *praecisio* (CP 1.353, 1.549, 2.428, 5.449), que chamarei de *praecisão*, e que permite aplicar recursivamente classes de relações. Para nossos propósitos, *praecisão* é uma operação que restringe as possibilidades livres de combinação dos resultados das tricotomias. As tricotomias estão arranjadas conforme uma ordem de pressuposição, associada às categorias: caráter de apresentação (primeiridade) > caráter de representação (secundidade) > poder interpretativo do signo (terceiridade). O tipo de relação que responde à primeira questão

qualifica, ou especifica, a segunda que *qualifica* a terceira (Savan 1987-88: 14). De acordo com esta regra, um “primeiro [relação monádica] pode ser qualificado apenas por um primeiro [relação monádica]; um segundo [relação diádica] pode ser qualificado por um primeiro [relação monádica] e por um segundo [relação diádica]; um terceiro [relação triádica] pode ser qualificado por um primeiro [relação monádica], por um segundo [relação diádica] e por um terceiro [relação triádica]” (Savan *ibid.*). Ainda de acordo com Savan (*ibid.*), “a ‘regra de qualificação’ estipula que, em qualquer sucessão, um membro de uma categoria pode ser seguido por um membro de uma categoria de igual ou menor valor — um primeiro pode ser qualificado apenas por um primeiro; um segundo pode ser qualificado por um primeiro e por um segundo; um terceiro pode ser qualificado por um primeiro, segundo, ou terceiro”. Esta regra, que em Deledalle (*apud* Jappy 1984: 16) aparece como “princípio hierárquico cenopitagórico”, e em Tursman (1987: 38) como “restrição de ligação faneroquímica”, é usada para obter classes de relações n-tricotômicas: 10 classes, 28 classes e 66 classes de signos.

As dez combinações (classes), ou cruzamentos, baseadas em três tricotomias, que devem satisfazer as “regras de qualificação” são: 111, 211, 221, 222, 311, 321, 322, 331, 332, 333 (ver Tabela 1).

Classes	Primeira tricotomia	Segunda tricotomia	Terceira tricotomia
111 (I)	Qualisigno	Ícone	Remático
211 (II)	Sinsigno	Ícone	Remático
221 (III)	Sinsigno	Índice	Remático
222 (IV)	Sinsigno	Índice	Dicente
311 (V)	Legisigno	Ícone	Remático
321 (VI)	Legisigno	Índice	Remático
322 (VII)	Legisigno	Índice	Dicente
331 (VIII)	Legisigno	Símbolo	Remático
332 (IX)	Legisigno	Símbolo	Dicente
333 (X)	Legisigno	Símbolo	Argumento

Tabela 1: Dez classes de signos

São estes os exemplos mencionados por Peirce:

- (I) 111, ou qualisigno, é uma “qualidade” que é um signo; relativamente a sua própria natureza é uma primeiridade. Assim, só pode ter um ícone como objeto, e um rema como interpretante — uma “sensação de vermelho” (CP 2.254).
- (II) 211, ou um sinsigno icônico, é um evento, ou ocorrência (como todo sinsigno), que é um signo; é uma secundidade quanto a sua própria natureza. Seu objeto é um ícone, que ele interpreta como um rema — um “diagrama particular” (CP 2.255).

- (III) 221, ou sinsigno indexical remático, é uma ocorrência que é um signo, que está para seu objeto, também uma ocorrência, através de um rema (signo de possibilidade) — “um grito espontâneo” (CP 2.256).
- (IV) 222, ou sinsigno indexical dicente, é um signo que é uma ocorrência, e que é interpretado como realmente afetado por seu objeto, também uma ocorrência — um “catavento” (CP 2.257).
- (V) 311, ou legisigno icônico, é uma lei que é signo, e cujo objeto é uma possibilidade — um “diagrama à parte sua individualidade” (CP 2.258).
- (VI) 321, ou legisigno indexical remático, é uma lei que é signo, e que está para seu objeto, que é uma ocorrência, através de uma possibilidade — um “pronomo demonstrativo” (CP 2.259).
- (VII) 322, ou legisigno indexical dicente, é uma lei que é signo, e que está para seu objeto, uma ocorrência, através de uma conexão de fato — um “pregão de mascate” (CP 2.260).
- (VIII) 331, legisigno simbólico remático, é uma lei que está para um objeto da mesma natureza através de uma possibilidade — um “substantivo comum” (CP 2.261).
- (IX) 332, ou legisigno simbólico dicente, é uma lei, interpretada como estando para um objeto da mesma natureza através de uma conexão de fato — é uma “proposição ordinária” (CP 2.262).
- (X) 333, ou legisigno argumental simbólico, é uma lei, e representa um objeto da mesma natureza como uma lei — “argumento” (CP 2.263).

Peirce propôs dois modelos gráficos para representar as dez classes de signos (figuras 2 e 3). Eles podem ser chamados de “diagramas de relações periódicas”, ou de “relações de afinidade”, entre classes de signos e baseiam-se em “taxas” de proximidade relativas entre suas partes.

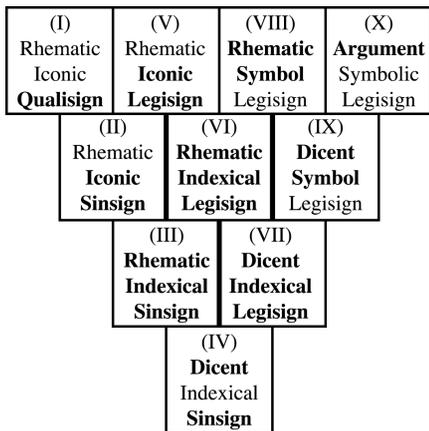


Figura 2: 10 classes de signos (CP 2.264, EP 2:296).

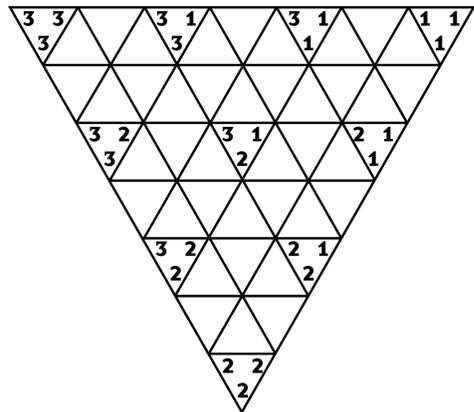


Figura 3: 10 classes de signos (LW 463/146, CP 8.376, EP 2:491)

Introduzo, na próxima seção, uma questão central sobre as dez classes de signos: como elas estão relacionadas? Como visualizar estas relações? Peirce desenvolveu apenas estes dois modelos (acima) para as dez classes de signos (figuras 2 e 3), cujas estruturas analisei em detalhes em outros trabalhos (Farias & Queiroz 2000, 2003, 2004; Queiroz 2004: capítulo 4). Eles não representam relações hierárquicas entre as classes. Por que fazê-lo? Se há relações relevantes que são relações de dependência, então este diagrama deve ter conexões orientadas, de modo que se possa *observar* a ação de uma classe mediada pela ação de outra, formando uma rede de pressuposições.

4. RELAÇÕES HIERÁRQUICAS ENTRE AS CLASSES

Pode-se explicar as relações entre as classes como sendo de dois tipos – “envolvimento” ($2 > 1$) e “instanciação” ($3 > 2$) (cf. Liszka 1996: 46; Serson 1997: 135-136). Esta explicação baseia-se na descrição de dois tipos de relação — TOKEN > TONE, $2 > 1$; TYPE > TOKEN, $3 > 2$ — baseados nas relações entre as categorias (CP 1.528, 5.49, 5.91), e descrevem como “gerais” (TYPES) “instanciam” um número indeterminado de “singulares” (TOKENS), ou existentes, e prescrevem suas qualidades (TONE): “envolvimento” (Secundidade > Primeiridade, $2 > 1$), “instanciação” (Terceiridade > Secundidade, $3 > 2$). Segundo Savan (1987-88: 13), “Peirce repetidamente indicou que ‘leis’ não têm realidade sem instanciações em existentes. São regularidades na ação da natureza que conferem às leis seu ‘ser’. Isto é, as leis não existem independentemente de suas instanciações em um céu Platônico.” Por sua vez, existentes dependem das “qualidades de que são feitos”.

“Um caráter significante indefinido tal como o tom de uma voz não pode nem ser chamado de Type nem de Token. Eu proponho chamar este signo de Tone. Para um Type ser usado, ele tem de estar incorporado em um Token, que será um signo do Type, e deste modo, do objeto que o Type significa. Eu proponho chamar o Token de um Type de uma instância do Type” (CP 4.537).

Em outros termos, instanciação é uma relação TYPE > TOKEN (legisigno > sinsigno de tipo especial). É o modo como o legisigno, um signo que é uma lei, “governa suas réplicas”, ou sinsignos (CP 2.258): “todo legisigno significa através de uma instância de sua aplicação, que pode ser denominado uma réplica dele. A réplica é um sinsigno. Então, todo legisigno requer sinsignos” (CP 2.246). O sinsigno, por sua vez, “envolve um qualisigno” (CP 2.245), isto é, envolve uma qualidade (CP 2.254), ou um complexo de qualidades. Em um dos exemplos de Peirce (CP 2.257), um “catavento” (222), para “significar”, deve envolver um “sinsigno icônico para incorporar a informação e um sinsigno indexical remático para indicar o objeto ao qual a informação se refere”. Uma proposição ordinária deve envolver termos lógicos (cf. CP 2.262): $332 > 331$. Estes termos são símbolos remáticos e a proposição os envolve “para expressar sua informação”, assim como envolve 321s “para indicar o sujeito de sua informação”. Para representar graficamente estas relações, Balat (1989-91) propõe os seguintes modelos (figuras 4a,b):

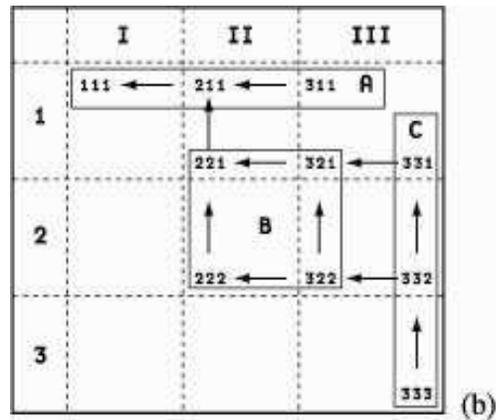
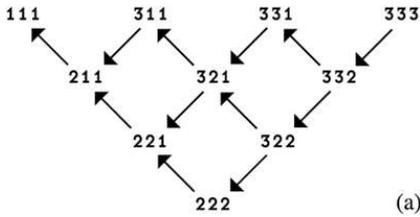


Figura 4a: O diagrama representa relações de envolvimento e instanciação entre signos de generalidade decrescente, da direita para esquerda. Assim, argumentos (333) instanciam proposições (332) que envolvem símbolos remáticos (termos, 331), para constituir o predicado da proposição, e legisignos indiciais dicentes (322) para indicar seu sujeito. Legisignos instanciam sinsignos, e assim sucessivamente até o qualisigno (111).

Figura 4b: O diagrama é dividido em 3 linhas, 3 colunas, 3 quadros. As linhas descrevem a natureza dos interpretantes. A linha 1 descreve os remas (6 membros); a linha 2, os dicentes (3 membros); a linha 3, o argumento (1 membro). As colunas descrevem a “natureza dos signos”: a coluna I, o qualisigno (1 membro); a coluna II, os sinsignos (3 membros); a coluna III, os legisignos (6 membros). Os quadros descrevem a natureza da relação signo-objeto: o quadro A, os ícones (3 membros); o B, os índices (4 membros); o C, os símbolos (3 membros).

5. CONCLUSÃO

C.S.Peirce desenvolveu, baseado em uma teoria lógica-fenomenológica de categorias, diversas classificações sgnicas. Elas descrevem tipos de relações concebíveis, de acordo com diferentes perspectivas (divisões tricotômicas) em que a tríade S-O-I pode ser analisada. Muitas modificações foram feitas em mais de 40 anos de experimentação com diversos modelos.

Relativamente à mais conhecida classificação de Peirce (ícone, índice, símbolo), a divisão em dez classes (3-tricotômica) introduz diversas modificações. Em primeiro lugar, trata-se de um sistema de relações cruzadas, i.e., de um sistema constituído pela combinação de diferentes modos de análise da relação S-O-I; em segundo lugar, subdivisões do símbolo (termo, proposição, argumento) passam a formar uma tricotomia (terceira tricotomia: rema, dicente, argumento); em terceiro lugar, uma divisão tricotômica é introduzida para analisar o “fundamento” do signo, sua natureza (primeira tricotomia). Tomados em conjunto, estas tricotomias formam um modelo capaz de produzir uma descrição altamente detalhada das relações que operam no interior da tríade S-O-I. Apresentei, introdutoriamente, as principais regras que estruturam este modelo, alguns exemplos das classes, e as relações de pressuposição hierárquica entre elas.

BIBLIOGRAFIA

- BALAT, M. (1989-1991). “Sémiotique et psychanalyse”. (manuscrito fornecido pelo autor).
- BERGMAN, M. (2000). “Reflections on the Role of the Communicative Sign in Semeiotic”, *Transactions of the Charles S. Peirce Society: A Quarterly Journal in American Philosophy*, Spring, XXXVI (2): 225-254.
- BRUNNING, J. (1997). “Genuine triads and teridentity”, em *Studies in the logic of Charles Sanders Peirce*: 252-270. Houser, N., Roberts, D., Evra, J. (Eds.). Indiana: Indiana University Press.
- COLAPIETRO, V. (1989). *Peirce's Approach to the Self: A Semiotic Perspective on Human Subjectivity*. New York: State University of New York Press.
- DE WAAL, C. (2001). *On Peirce*. Wadsworth.
- DE TIENNE, A. (2003). “Learning qua Semiosis”. *S.E.E.D. Journal — Semiotics, Evolution, Energy, and Development* (3): 37-53.
- FARIAS, P. & QUEIROZ, J. (2000). “Notes for a dynamic diagram of Charles Peirce's classifications of signs”. *Semiotica: Journal of the International Association for Semiotic Studies* 131-1/2: 19-44.
- _____. (2003). “On diagrams for Peirce's 10, 28, and 66 classes of signs”. *Semiotica — Journal of the International Association for Semiotic Studies* 147 (1/4): 165-184.
- _____. (2004). “10cubes and 3N3: using interactive diagrams to investigate Charles Peirce's classifications of signs”. *Semiotica — Journal of the International Association for Semiotic Studies* 151-1/4: 41-63.
- FREADMAN, A. 1996. “Peirce's second classification of signs”, em: *Peirce's doctrine of signs: Theory, Applications, and Connections* “. Colapietro, V. M. e Olschewsky, T. M. (Eds.). Berlin: Mouton de Gruyter.
- _____. (2001a). “The Classifications of Signs (I): 1867 – 1885”, em: *Digital Encyclopedia of C.S.Peirce*. Queiroz, J. & Gudwin, R. (Eds.)
- _____. (2001b). “The Classifications of Signs (II): 1903”, em *Digital Encyclopedia of C.S.Peirce*. Queiroz, J. & Gudwin, R. (Eds.)
- _____. (2004). *The Machinery of Talk – Charles Peirce and the Sign Hypothesis*. Stanford: Stanford University Press.
- HAUSMAN, C. (1993). *Charles Sanders Peirce's Evolutionary Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOOKEYWAY, C. (1985). *Peirce*. Routledge & Kegan Paul.
- HOUSER, N. (1991). “A Peircean classification of models”, em: *On Semiotic Modeling*. Anderson, M. & Merrell, F. (Eds.) Berlin: Mouton de Gruyter.
- _____. (1997). “Introduction: Peirce as logician”, em: *Studies in the Logic of Charles S. Peirce*. Houser, N., Roberts, D., Evra, J. (Eds.). Indiana: Indiana University Press.
- JAPPY, A. (1984). “Peirce's third trichotomy and two cases of sign path analysis”. *Semiotica* 49, 1/2: 15-26.
- KENT, B. (1987). *Charles S. Peirce: logic and the classification of the sciences*. McGill-Queens University Press
- LEO, R.F. (1992). *Il Concetto di Relazione in Peirce*. Edizioni Universitarie Jaca.
- LISZKA, J. (1996). *A General Introduction to the Semeiotic of Charles Sanders Peirce*. Indiana: Indiana University Press.

QUEIROZ – PEIRCE, C.S. *Introdução à divisão 3-tricotômica...*

- MERRELL, F. (1996). *Signs Grow: Semiosis and life processes*. Toronto: University of Toronto Press.
- MURPHEY, M. (1993). *The Development of Peirce's Philosophy*. MA.: Harvard University Press.
- NOTH, W. (1995). *Handbook of Semiotics*. Indiana: Indiana University Press.
- PARKER, K. (1998). *The Continuity of Peirce's Thought*. Vanderbilt University Press.
- PEIRCE, C.S. 1883 (1983). (Ed.). *Studies in Logic by members of the John Hopkins University*. John Benjamins Publishing Co.
- _____. 1931-1935. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Electronic edition. Vols. I-VI. Hartshorne, C. & Weiss, P. (Eds.). Charlottesville: Intelix Corporation. MA.: Harvard University.
- _____. (1958). *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Vols. VII-VIII. Burks, A.W. (Ed.). Edição Eletrônica. Charlottesville: Intelix Corporation (1994 [1866-1913]).
- _____. (1967). *Annotated Catalogue of the papers of Charles S. Peirce*. Amherst: University of Massachusetts.
- ROBIN, R. (Ed.) [Referências aos manuscritos e cartas de C.S.Peirce: MS e L, de acordo com o catálogo]
- _____. (1976). *New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce*. Eisele, C. (Ed.). The Hague: Mouton.
- _____. (1977). *Semiotics and signification: the correspondence between Charles S. Peirce and Victoria Lady Welby*. Hardwick, C. S. (Ed.). Indiana University Press.
- _____. (1984). *Writings of Charles S. Peirce*. Peirce Edition Project. (Ed.). Indiana University Press.
- _____. 1998 (1893-1913). *The essential Peirce: selected philosophical writings*. Peirce Edition Project. (Ed.) Indiana University, Vol. II.
- POTTER, V. 1967 (1997). *Charles S. Peirce: On Norms & Ideals*. University of Massachusetts Press.
- QUEIROZ, J. (2004). *Semiose segundo C.S.Peirce*. São Paulo: Educ/Fapesp.
- QUEIROZ, J. & EL-HANI, C.N. (2004). Towards a multi-level approach to the emergence of semiosis in semiotic systems. *Technical Report DCA-FEEC-UNICAMP*. DCA 04-07. pp.1-21.
- RANSELL, J. (1977). "Some leading ideas of Peirce's semiotic". *Semiotica* 19 (3/4): 157-178.
- _____. (1983). "Peircean semiotic". (manuscrito fornecido pelo autor).
- SANTAELLA, L. 1995. *A Teoria Geral dos Signos: semiose e autogeração*. Editora Ática.
- SAVAN, D. 1987-88. *An Introduction to C.S.Peirce's Full System of Semiotic*. Monograph Series of the Toronto Semiotic Circle, vol.1: Victoria College.
- SERSON, B. (1997). "On Peirce's pure grammar as a general theory of cognition: from the thought-sign of 1868 to the semeiotic theory of assertion". *Semiotica* 113-1/2:107-157.
- TURSMAN, R. (1987). *Peirce's theory of scientific discovery: a system of logic conceived as semiotics*. Indiana University Press.
- WEISS, P. & BURKS, A. (1945). "Peirce's sixty-six signs". *Journal of Philosophy* XLII: 383-388.